

Ruthenico de Aguiar

MARCO LUIZ BARROSA

**PONTOS DE VISTA** - Educação Física e Desportos, cooperação ou conflito? 4-4-2  
 Pierre Seurin 47248. ✓

- Desporto e Educação  
 René Maheu 47249 → p. 13a 19

**RESENHA**

- Plano para desenvolvimento de diretrizes para formação de esportistas de alto nível técnico, utilizando a rede escolar do 1º e 2º graus  
 Otávio Augusto Anibal Cattani Fanali

- Manifesto sobre el deporte Conseil International pour L'Education Physique et le Sport.

**BIBLIOGRAFIA**  
**PAINEL**

**Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**  
 Diretoria de Documentação e Informação  
 Coordenadoria de Editoração e Divulgação

**Responsável** - Sílvia Maria Galliac Saavedra  
**Redação** - Benedito E. M. de Araújo, Cleusa Maria Alves, Elisabete Ferreira Borges, Janete Chaves, Maria Teresa A. de Oliveira, Sheila Perru, Sílvia Maria G. Saavedra, Therezinha Félix Cardoso

**Revisão** - Antonio Bezerra Filho, Milton Coura  
**Datilografia** - Maria Madalena Argentino, Merby Maria A. de Sousa  
**Diagramação** - Djalmir Augusto de Assis  
**Supervisão Gráfica** - Antonio Bezerra Filho  
**Bibliografia** - Maria Ângela T. Costa e Silva

EM ABERTO, órgão de divulgação técnica do Ministério da Educação e Cultura, é uma publicação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, de circulação no âmbito do Ministério, destinada à veiculação de questões pertinentes às áreas de educação, cultura e desportos, de interesse geral de técnicos e dirigentes dos diversos órgãos.

cod. ed: 302  
 CIBEC - PERIÓDICO  
 N.º P0010462  
 ORIGEM D  
 DATA 07/12/93

**INEP**

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

**MEC**

Foi assinada em 07/04/82, pelo Secretário de Educação Física e Desportos, e publicada no Diário Oficial do dia 13 deste mês, a Portaria 001, que estabelece normas para a organização e funcionamento do Desporto Escolar. A referida Portaria define o Desporto como sendo "toda a atividade predominantemente física, exercitada segundo regras pré-estabelecidas", de caráter competitivo, e determina que tais atividades praticadas no ensino de 1º e 2º graus constituem a área de abrangência do Desporto Escolar, com finalidades formativo-educativas, sob a supervisão normativa, disciplinadora e de direção nacional da Secretaria de Educação Física e Desportos, e dirigidas, também, em caráter permanente, pelos órgãos estaduais e municipais especializados e seus correspondentes nos Territórios e no Distrito Federal. Preve a criação dos Clubes Escolares nos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, que constituem os centros de ensino e prática do Desporto Escolar, sendo este estimulado através de atividades extra-curriculares e de competições interescolares. Entre as várias diretrizes, dá oportunidade às crianças e aos jovens carentes que, em idade escolar, não estejam matriculados nos estabelecimentos de ensino, de se associarem a um Clube Escolar, sem obrigatoriedade de qualquer contribuição financeira; atribui ao aluno estrangeiro os mesmos direitos e deveres do atleta escolar, sem nenhuma formalidade especial, e abre ao aluno com algum problema físico a chance de cooperação às competições de sua escola, através da participação efetiva nos trabalhos da diretoria do Clube Escolar. A Portaria trata, ainda, sobre o conceito de técnico desportivo escolar e sua função, de atleta escolar e competições escolares, entre outros assuntos.

PORTARIA REGULAMENTA DESPORTO ESCOLAR

88E

em  
aberto

Brasília  
 ANO I  
 Nº 5  
 Abr. 1982

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Os Jogos Estudantis Brasileiros - JEBS, uma promoção da SEED/MEC, foram instituídos pela Portaria nº 29. de 22/05/1969. tendo como finalidades principais desenvolver o intercâmbio social e desportivo entre os estudantes, incrementar as boas relações entre mestres e alunos, exaltar a prática desportiva como instrumento imprescindível para a superação do indivíduo e a formação da personalidade, fazendo surgir novos valores no panorama desportivo nacional.

Seus participantes são estudantes de 1º e 2º graus matriculados em estabelecimentos de ensino oficiais e particulares.

Os JEBS são realizados anualmente, abrangendo obrigatoriamente as modalidades de Atletismo, Nataçã, Ginástica Olímpica, Handebol, Vólibol, Basquetebol, Judô, Xadrez e Polo Aquático, havendo possibilidade de inclusão de outras modalidades.

Além de competições desportivas, constam das atividades obrigatórias dos JEBS "Demonstrações de Folclore".

As competições obedecem a um Regulamento Geral e são levadas a efeito cada ano em um Estado-sede diferente, escolhido, entre os que se candidatam, pela SEED/MEC.

## LIVROS

Educação e Estrutura de Produção - Um estudo das desigualdades educacionais regionais.

A influência da diferenciação na estrutura produtiva das diversas regiões sobre os perfis educacionais que apresentam; a centralização do planejamento do ensino como fator de agravamento das discrepâncias entre as regiões; a exclusão dos educadores na elaboração do planejamento, e a influência destes três fatores no perfil educacional da Região Norte - estas são as principais questões analisadas neste livro de Malena Torino, da Universidade Federal do Amazonas. (São Paulo, Cortez. Autores Associados, 1982. 111p.).

## oOo

Encontro Nacional dos Secretários de Educação e Cultura — Documentário do Encontro realizado pelo MEC, em Brasília, de 10 a 12 de junho de 1981, com o tema "Política e Diretrizes da Educação Brasileira". Oferece subsídios para orientar os programas de Educação Básica (de 7 a 14 anos), a partir de exposições e debates realizados, conclusões dos grupos de trabalho e o documento final do Encontro. (Brasília, MEC, 1981. 126p.).

## II CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

Com o tema geral "Educação - Perspectivas na Democratização da Sociedade" será realizada, no período de 10 a 13 de junho próximo, a II Conferência Brasileira de Educação.

O tema geral foi subdividido nos seguintes temas básicos, que deverão funcionar como aglutinadores dos debates:

- Os Profissionais da Educação
- A Gestão da Educação
- Educação e Participação Popular
- A Questão Pedagógica.

A II CBE objetiva promover -o encontro nacional de pessoas, grupos e entidades ligadas à educação, efetuar um balanço crítico da Educação Brasileira, analisando suas contradições e resultados; encaminhar uma ampla discussão a respeito de possíveis soluções dos problemas educacionais, das formas de ação e de participação dos educadores no encaminhamento dessas soluções. A II CBE é uma promoção da Associação Nacional de Educação (ANDE), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC) e do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), e terá como sede a Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Maiores informações poderão ser obtidas no seguinte endereço:

UFMG - Faculdade de Educação, sala 59 Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus da Pampulha 30000 - Belo Horizonte - MG.

## FUNARTE: SEXTO ANIVERSÁRIO

A Fundação Nacional de Arte - FUNARTE comemorou no dia 16 de marco passado, no Rio de Janeiro, o seu 69 ano de participação e apoio junto à cultura e à arte nacional. O evento contou com a presença do Ministro Rubem Ludwig que, posteriormente, presidiu a entrega de instrumentos musicais a bandas Fluminenses, dentro da programação do Projeto Bandas, do Instituto Nacional de Musica da FUNARTE.

# APRESENTAÇÃO

A formação global do homem, como processo dinâmico e complexo, deve atender às necessidades do desenvolvimento de suas potencialidades psicológicas, intelectuais e físicas. O primeiro sinal de participação no mundo que "extrapola" esse mundo particular e único é o movimento.

O Desporto permite a harmonia dos movimentos vitais, internos, quando ajuda o desenvolvimento fisiológico, psíquico e, por que não, intelectual, externos, na medida em que, através dele, o homem interage com o ambiente em que vive, conquistando seu espaço social e cultural.

O Desporto Escolar, reconhecido, hoje, como fator integrante desse processo de formação e educação, é o tema central deste número.

No Enfoque, a constatação de que o Desporto Escolar deve e pode ser considerado elemento de integração entre o Sistema Educacional e o Sistema Desportivo, gerando até benefícios, mesmo que indiretos, ao Sistema Social.

Um trabalho que nos leva a refletir sobre a dicotomia existente entre educação física e desportos, propiciando uma reformulação no sentido em que ambos sejam considerados fatores da formação e educação integral e outro que nos aproxima mais da concepção da UNESCO, da relação entre educação, educação física e desportos para o enriquecimento recíproco são apresentados em Pontos de Vista

Na Resenha, a busca de uma solução viável para o ensino esportivo brasileiro e as linhas de ação traçadas no "Manifesto sobre o Esporte".

Uma Bibliografia sobre o assunto e o Painel, constituído de matéria relativa ao tema-central e a diversos assuntos.

Agradecemos a orientação e colaboração da Secretaria de Educação Física e Desportos - SEED na produção deste número.

## MANIFESTO PELA DEFESA E INCENTIVO AO JOGO LIMPO E LEAL \*

O desporto de competição pode responder a numerosas exigências fisiológicas, psicológicas e sociais do homem. Pode ser fonte de possibilidades de expansão, de enriquecimento das relações individuais e coletivas e de melhoria da qualidade de vida. Mas, sem "fair-play", ele perde todo este poder construtivo.

O aumento do tempo de lazer e o crescimento do nível de vida em muitos países têm levado a uma participação crescente nos desportos de competição. Ao lado disso, a busca da vitória a qualquer preço tem colocado em sério risco a simples existência do "fair-play", ou seja, do verdadeiro espírito desportivo, do jogo limpo e leal. A partir daí, o Desporto já não merece esse nome.

Quando entre os competidores não reina o espírito de respeito a si próprio e ao companheiro, honestidade e lealdade, respeito ao adversário vitorioso ou vencido, ao árbitro, e cooperação com o seu trabalho, estão condenadas ao fracasso as potencialidades fundamentais da prática desportiva.

É certo que jogar para ganhar é a essência da competição esportiva; mas a preocupação excessiva com a vitória, fonte de prestígio e vantagens materiais, é a principal ameaça que paira sobre o "fair-play". Os participantes sentem-se compelidos a violar o regulamento, com apoio de multidões de torcedores. E, com a complicidade de treinadores e dirigentes, usam, desde práticas desonestas até a agressão física contra o adversário, visto aqui como um inimigo a abater. A responsabilidade na manutenção do "fair-play" se estende dos participantes aos expectadores, passando pelos pais, educadores, organizações esportivas, treinadores e dirigentes, médicos, árbitros, autoridades e jornalistas.

O participante, mais do que ninguém, personifica o espírito do "fair-play". Os campeões têm um compromisso com seu nome e sua agremiação, mas têm um compromisso ainda maior com os que os cercam. Se para eles é muito importante a vitória, mais importante ainda é o teste munho que pode e deve dar o verdadeiro espírito desportivo, sereno na vitória e na derrota. Os princípios de lealdade devem ser inculcados desde os primeiros jogos infantis, nas primeiras relações sociais da criança.

Na idade escolar, é possível que os educadores se preocupem com a formação de equipes vitoriosas e assim elevar o prestígio da escola.

Os pais devem estar cientes se, a par do desenvolvimento físico e das habilidades desportivas, o espírito do "jogo limpo e leal" está sendo adquirido. Se a criança está aprendendo que o respeito aos demais e às regras é o que dá sentido ao jogo, e é a sua verdadeira fonte de satisfação

Quanto aos meios de comunicação, tendem a fazer referência excessiva ao jogo desleal. Devem equilibrar seus comentários, fazendo referência ao "fair-play", quando se torna evidente sua prática. Assim estarão apoiando e incentivando o espírito desportivo.

A todos que, em maior ou menor grau, estão ligados ao desporto, compete a tarefa de defender e incentivar o "fair-play".

Síntese de **MANIFESTO sobre o "fair-ptay". Revista Brasileira de Educação Física e Desportos** Brasília, MEC, DED, 9 (33) :4-14, jan./mar. 1977.

## INICIATIVA PRIVADA E ESPORTES

Visando neutralizar os malefícios que o ócio causa à personalidade em formação da maioria das crianças e jovens das comunidades economicamente desfavorecidas na área do Grande Rio, a Fundação Roberto Marinho criou, há três anos, o Programa de Iniciação Esportiva - PRIESP - preenchendo seu tempo ocioso com atividades de lazer ou treinamento

Desde sua criação o Programa vem atenden do em sete núcleos distribuídos por favelas, conjuntos habitacionais e bairros populares. As crianças e jovens que demonstram maior aptidão são estimulados a participar de competições inter-núcleos e, progressivamente, de competições externas. Quanto às que não se adaptam às práticas desportivas são atendidas por outras formas, como, por exemplo, o aprendizado da confecção de peças artes sanais.

A experiência do PRIESP ja está se estendendo a outros Estados, começando por Pernambuco, onde a Fundação Roberto Marinho já assinou convênio com a FUNDESP

## CIBEC ESTUDA A PRODUTIVIDADE DOS PERIÓDICOS EM EDUCAÇÃO

Em recente estudo bibliométrico realizado por Lídia Alvarenga Neri e Rubén Urbizagastegui Alvarado, do CIBEC/INEP, utilizando o método de Bradford, foram encontrados 173 periódicos nacionais editados no período de 1978-80 que produziram artigos sobre Educação. O objetivo da pesquisa foi levantar a produtividade dos periódicos, que resultou em 1079 artigos publicados no período escolhido para estudo. O periódico que mais produziu em 1978-80, foi "CADERNOS DE PESQUISA", com 51 artigos, seguido da "REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS", com 40 artigos, e de "ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA", com 26 artigos.

Uma síntese do estudo será publicada no próximo número da revista.

A Secretaria de Educação Física e Desporto do MEC - SEED - está desenvolvendo o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Desporto Estudantil, cujas metas principais são selecionar estudantes de 19 e 29 graus que atinjam os índices estabelecidos e previstos pela Comissão Técnica das modalidades, promover sua integração no desporto de alto nível, garantir-lhes condições adequadas de treinamento e ainda promover o intercâmbio desportivo com os grandes centros mundiais.

O convite aos participantes é feito através de ofício da SEED/MEC aos órgãos estaduais responsáveis pelo Desporto Escolar.

As despesas decorrentes da aplicação do programa têm verba prevista no PTA — Plano de Trabalho Anual/82.

## GYMNASIÁDE 82

A partir de 20 de maio próximo viajarão com destino a Lille - França — os estudantes brasileiros classificados para participarem da GYMNASIÁDE 82. São alunos de 19 e 29 graus, com idade limite de 17 anos, que participaram das pré-seletivas realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo e alcançaram os melhores índices nas modalidades nataçã, ginástica olímpica e atletismo. As competições estão marcadas para o período de 02 a 06 de junho.

## X COPA INTERAMNIA DE HANDBALL

Dando prosseguimento ao programa de Apoio ao Desenvolvimento do Desporto Estudantil, serão selecionados quinze estudantes-atletas com idade máxima de 21 anos para participarem desse torneio, a ser realizado em Téramo, Itália, na primeira semana de julho próximo. A fase nacional do programa será decidida no Ibirapuera, SP, entre representantes de vários Estados, de 13 a 27 de junho.

## CAMPEONATO AMERICANO DE ATLETISMO

Atendendo a convite da Brigham Young University, de Provo, Utah, especialistas em Educação Física que participam ativamente na organização dos JEBS — Jogos Escolares Brasileiros, promovidos pela SEED — estarão nos Estados Unidos, de 31 de maio a 5 de junho, observando e participando da organização do Campeonato Americano de Atletismo. A SEED/MEC visa, com isto, integrar os especialistas da área do desporto escolar ao desporto de alto nível.

## FORUM DE DEBATES - "EM ABERTO"

O Forum de Debates - "Em Aberto", promovido mensalmente pela Secretaria Geral e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP, realizou-se, pela primeira vez, em 30/03/82, e teve como tema "O Exame Vestibular". O professor Sérgio Costa Ribeiro, Diretor de Estudos e Pesquisas do INEP, coordenou esse primeiro Debate.

Inicialmente, foram apresentados alguns pontos sobre o tema que provocaram a reflexão sobre questões relativas ao papel do vestibular no sistema educacional e as influências que seus resultados sofrem ou exercem no contexto sócio-cultural.

No dia 27/04/82 realizou-se o segundo Debate tendo como tema "A Educação Pré-Escolar", dessa feita conduzido pela professora Terezinha Saraiva, Secretária Executiva do MOBREAL, que levantou as posições conflitantes quanto a objetivos, conceitos, e outras que ainda persistem mesmo com o reconhecimento do papel e da importância da educação pré-escolar no desenvolvimento da criança.

Os dois eventos contaram com a presença dos técnicos do MEC, que muito contribuíram, com suas visões pessoais, para a realização dos debates.

A Secretaria Geral e o INEP contam com a sua participação no próximo Debate que será realizado no dia 25/05/82 e terá como tema básico "Desporto Escolar".

## IBBY PREMIA LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA

Em outubro, Lygia Bojunga Nunes estará recebendo, em Londres, o Prêmio Hans Christian Andersen de 1982, concedido pelo IBBY - International Board on Books for Young People.

Autora dr várias obras premiadas no Brasil, tais como "Os colegas", "Angélica" e "A bolsa amarela", Lygia é a primeira escritora de literatura infanto-juvenil de um País em desenvolvimento a receber o Prêmio, que se constituiu no mais importante do gênero.

## DESPORTO ESCOLAR

Ruthenio de Aguiar

A recente regulamentação do Desporto Escolar\* , aliada à intensificação das medidas destinadas a sua implantação e expansão, especialmente o aumento considerável de recursos financeiros que a nova programação da SEED lhe atribui a partir de 1982, colocaram, de repente, em evidência, uma atividade que vinha sendo praticada de forma marginal, tanto pelo sistema educacional, como pelo sistema desportivo.

Mesmo os especialistas da área da Educação Física, em sua maioria pouco familiarizados com o assunto, ainda não conseguem entender corretamente a finalidade dessa mudança de rumos.

Essa incerteza, logicamente, gera dúvidas e apreensões. Afinal, o que é Desporto Escolar? Por que intensificar e institucionalizar a sua prática? Que objetivos se pretende alcançar com essa idéia? Como será operacionada?

O vocábulo Desporto produz uma imediata associação, principalmente para os profissionais e dirigentes do sistema educacional, com um conjunto de fatos negativos que podem ocorrer, ou às vezes ocorrem, tanto na administração como na prática do desporto de alta competição, que são inteiramente incompatíveis com os propósitos e aspirações do sistema educacional.

\* Portaria Ministerial nº 129, de 02.04.82 e Portaria SEED/MEC nº 001, de 07.04.82."

Paralelamente, o sistema desportivo, através de seus principais dirigentes, surpreende-se com a súbita prioridade atribuída ao Desporto Escolar e teme que essa decisão acarrete redução no apoio governamental às necessidades do Desporto Comunitário, forma de organização até aqui aceita como única representante legítima do setor.

A partir dessas primeiras impressões o assunto torna-se, naturalmente, polêmico e precisa ser amplamente debatido a fim de se obter uma fórmula de consenso que reduza as resistências, principalmente as passivas, tanto do ambiente educacional como do Desportivo, tornando viável uma idéia que certamente dará forte contribuição a esses dois grandes setores de responsabilidade do MEC.

O objetivo deste trabalho é, precisamente, fazermos uma abordagem geral do assunto, procurando expor as intenções e principais idéias que nortearam a decisão, bem como propor um conjunto de diretrizes que conduzam ao objetivo final de integração harmoniosa, sem prejuízo ou descaracterização das partes envolvidas.

### 1. A SOLUÇÃO A PARTIR DO ENFOQUE DESPORTIVO

A proposta original de ampliação das ações sobre o Desporto Escolar, na SEED, partiu da Subsecretaria de Desportos, que é regimentalmente responsável pelo planejamento específico dessa área de atuação do MEC, e decorreu da necessidade de definição da estratégia de desenvolvimento desportivo que deveria ser seguida até 1985.

Em Aberto, Brasília, ano 1, n. 5, Abril, 1982

Entretanto, apesar disso, durante o processo de geração, não se cogitou que os interesses do Desporto se sobrepujassem aos do Sistema Educativo e, por outro lado, não se pensou em considerar o Sistema Educativo como simples instrumento para obtenção dos produtos necessários ao Desporto.

Esta observação é feita tanto para sermos fiéis à realidade dos fatos, como para deixarmos claro que a solução foi procurada, desde o início, considerando-se as características, necessidades e interesses dos dois sistemas envolvidos. A origem da solução e a forma de apresentação das idéias não têm, portanto, significado de preferência em favor do Desporto.

Ao estabelecer as diretrizes de planejamento para o atual período de Governo, a SEED definiu um objetivo global capaz de conter os objetivos específicos de todas as atividades físicas sob sua responsabilidade, e que pode ser utilizado como elemento de integração dos planos específicos de todas as atividades ligadas ao setor. Esse objetivo global, além dessas características, pode ser utilizado como ponto central de referência para os planos de trabalho de todos os níveis de direção e prática das atividades físicas, ensejando um razoável grau de padronização no enfoque dos problemas ligados ao setor. Trata-se do que se convencionou chamar de NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO \*, o qual é expresso, em termos matemáticos, pela relação de quociente entre o número de praticantes e o número da elite ou grupo capaz de apresentar rendimento superior na execução da atividade desportiva. O conceito de Nível de Desenvolvimento está relacionado à admissão de quatro premissas básicas, a saber:

- nas mesmas condições de funcionamento do sistema há uma relação mais ou menos constante entre o número da elite de uma modalidade desportiva e o número global de seus praticantes;
- a relação numérica praticantes/elite pode ser melhorada, sem aumento do número de praticantes;

\* Diretrizes Gerais para a Educação Física e Desportos 1980/85 — SG - Doc. nº.03.

— a elite desportiva corresponde ao aspecto qualitativo da relação, que pode ser dimensionado através do respectivo número;

— em qualquer universo de indivíduos, o aumento do aspecto qualitativo (nº da elite) é possível e está limitado ao máximo permitido pelo total de praticantes possíveis no grupo, em condições ideais de funcionamento do sistema.

Esses enfoques eliminam, de imediato, a possibilidade de se decidir alternativamente entre políticas voltadas para a quantidade ou para a qualidade. Em termos de atividades físicas esses dois aspectos precisam ser abordados simultaneamente, porque há uma forte influência recíproca entre ambos.

Uma vez estabelecido que o objetivo global do setor é a elevação do Nível de Desenvolvimento, torna-se necessário analisar as características de cada tipo de atividade e, a partir daí, fixar o objetivo global desejado, decidir sobre a estratégia a empregar e manipular os fatores de desenvolvimento mais adequados para cada caso, aplicando-os tanto sobre o componente "praticantes", como sobre a "elite".

Nesse sentido, vamos deixar de lado a Educação Física e o Esporte Para Todos, concentrando-nos especificamente no Desporto.

É possível dizer-se, de uma maneira bem simples, que o processo desportivo se desenvolve em três grandes estágios, a saber:

- procura e captação de talentos;
- desenvolvimento de talentos;
- treinamento da elite.

Ao primeiro estágio correspondem as atividades de atração e iniciação de novos praticantes, bem como a prática rudimentar dos desportos, realizadas por uma rede de organizações situadas na base do sistema desportivo. Nessa massa de praticantes, são identificados os talentos des-

portivos (indivíduos biologicamente capazes de alcançar elevados níveis de rendimento atlético), que precisam ser separados e grupados homogeneamente, passando a merecer atenção especial.

Ao segundo estágio correspondem as atividades de treinamento desportivo especializado, aplicadas sobre os talentos identificados pelas organizações da base do sistema ou através de programas especialmente criados para esse fim. No final dessa etapa, os talentos mais aptos e os que tiveram as melhores possibilidades de desenvolvimento são separados e encaminhados para a elite.

Ao terceiro estágio correspondem as atividades dos órgãos de direção desportiva destinadas ao aprimoramento máximo possível dos níveis de atuação das "elites".

Dessa forma, os dois primeiros estágios do processo incidem sobre o componente "praticantes", com a ressalva de que, no segundo estágio, as ações atingem apenas uma pequena parcela da clientela total. O terceiro estágio trata apenas da reduzida clientela considerada como "elite".

O conhecimento desse esquema básico de funcionamento do sistema desportivo e a fixação do objetivo global desejado permitem a decisão sobre a estratégia a ser empregada que, pelo que foi dito, resume-se a apenas duas alternativas:

- melhorar o componente "elite" sem alterar o número de "praticantes", através do aperfeiçoamento da estrutura e funcionamento do sistema;
- melhorar o componente "elite" mediante o aumento do número de "praticantes".

No caso brasileiro, a primeira alternativa, que vem sendo aplicada nos últimos dez anos, mostra-se incapaz de apresentar resultados satisfatórios, provavelmente por já haver esgotado as suas possibilidades.

Impõe-se, portanto, a adoção, também, da segunda alternativa, dentro dos limites das atuais possibilidades legais, administrativas e financeiras.

Essa decisão, que implica na convergência do esforço para a base do sistema, pode, teoricamente, ser aplicada a três formas de organização desportiva reconhecidas em lei:

- a Classista;
- a Comunitária;
- a Escolar.

A forma Classista não está regulamentada e pode ser imediatamente eliminada.

A forma Comunitária apresenta alguns inconvenientes e obstáculos quase intransponíveis:

- a rede de organizações da base (clube) é muito pequena, atinge apenas as camadas mais elevadas da sociedade e é normalmente fechada aos não associados;
- o custo das ações seria insuportável uma vez que se tornaria indispensável a ampliação da rede de clubes, a construção de instalações desportivas e a atração de um enorme contingente de profissionais colocados em outros setores.

A forma Escolar, por outro lado, apresenta vantagens consideráveis, especialmente por se tratar de atividade de massa:

- a rede escolar abrange todo o território nacional, penetrando em todas as comunidades e atinge indivíduos com características biotípicas e raciais as mais variadas e em grande escala;
- os Sistemas de Ensino já possuem a infra-estrutura organizacional necessária implantada e em funcionamento;
- as escolas possuem os recursos humanos (professores de educação física) necessários e muitas dispõem de instalações desportivas;
- a atividade desportiva já vem sendo praticada na escola, embora de forma assistemática, há muito tempo.

Essas razões indicam claramente que se pretendermos desenvolver ações de aumento do número de praticantes do desporto, na maior amplitude possível, para revelar grandes contingentes de talentos que aumentarão o número da elite, elevando o Nível de Desenvolvimento do nosso desporto, a única alternativa viável é o incremento do Desporto Escolar.

## 2. ORIGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Resta saber se ao Sistema Educacional interessa o desenvolvimento do Desporto Escolar, e em que condições ele pode ser ativado, sem interferir no curso regular do processo educativo.

Essa questão é importante, porque as ações vão ultrapassar os limites dos órgãos de administração do ensino, como vem sendo feito até aqui, para se concentrarem diretamente na escola.

4

Na prática, o desporto vem sendo praticado na escola, há longos anos. Ele tem sido usado normalmente como atividade complementar ou forma de trabalho dos programas de Educação Física. As iniciativas nesse sentido têm ocorrido de forma assistemática, dependendo das circunstâncias e da vontade individual dos professores.

Com a ascensão do desporto, a partir da década de 50, que alcançou em nossos dias a dimensão de fenômeno social universal de grandes proporções, a doutrina da Educação Física passou a receber uma forte influência no sentido de se ajustar à nova realidade, orientando-se progressivamente para os objetivos desportivos.

Na segunda metade da década de 50, o professor Auguste Listello, iniciou a difusão, no Brasil, de um novo método de trabalho, concebido na França, com a denominação de Educação Física Esportiva. A idéia se propagou rapidamente no confuso ambiente doutrinário da Educação Física brasileira e, nos anos seguintes, acompanhando um fenômeno que ocorria em quase todo o mundo, consolidou-se e ocupou a posição de corrente dominante.

Esse fato é facilmente comprovável, quando se verifica, por exemplo, que há quem proteste contra a formação que vem sendo dada aos pro-

fessores de Educação Física nos cursos de Licenciatura, alegando que os currículos em vigor estão produzindo professores de Desporto, não de Educação Física.

A tendência nesse sentido foi reforçada com a criação, em 1969, pela então Divisão de Educação Física do MEC, dos Jogos Escolares Brasileiros.

Até 1975, a atividade desportiva escolar ocorreu sem base legal de organização e funcionamento específico, originando-se nos programas escolares de Educação Física e orientando-se pelas diretrizes do evento nacional referido.

Mas, nesse ano, a Lei nº 6.251, que institui normas gerais sobre desportos, alterou profundamente a estrutura do Sistema Desportivo Nacional, reconhecendo quatro formas de organização dos desportos, em substituição à única até então instituída. Uma delas, a Estudantil, foi desdobrada em Universitária e Escolar.

A instituição legal da forma de organização do Desporto Escolar, também evidencia que, pelo menos naquela época, não havia qualquer restrição ao desenvolvimento regular dessa atividade.

Todas essas observações nos permitem tirar as seguintes conclusões sobre a questão inicialmente colocada:

- o Sistema Educacional não tem apresentado restrições às ações do Desporto Escolar, e esse fato permitiu que a atividade crescesse em volume e importância nos últimos anos;
- as ações sobre o Desporto Escolar não pretendem gerar uma nova atividade no Sistema Educacional, mas apenas organizar e sistematizar a que já vem sendo feita e, se possível, difundir-la progressivamente por todo o país;
- as ações predominantemente desportivas, treinamento e competições de talentos, serão normalmente executadas fora da escola, através de programas especiais organizados pelos órgãos de direção dos Estados e dos Municípios.

Quanto à forma de operacionalização na escola, não há o que dizer, uma vez que a regulamentação deixa claro que essa decisão deverá ser adotada em cada Sistema de Ensino e na própria escola, que poderá inclusive rejeitar a idéia.

### 3. DIRETRIZES PARA A OPERACIONALIZAÇÃO

A viabilidade de integração entre a Educação e o Desporto, através do Desporto Escolar, parece fora de dúvida. Entretanto, ao colocarmos a idéia em prática será conveniente a adoção de alguns cuidados que permitam desembaraço nas ações. Nesse sentido, será necessário estabelecer algumas diretrizes básicas que orientem as pessoas envolvidas no processo, com relação à tomada de decisões, e favoreçam a consolidação dos objetivos e metas que forem sendo alcançados.

A título de sugestão para discussão, relacionamos as seguintes:

1. O Desporto Escolar é uma atividade primordialmente educativa. Isso significa que, embora esteja intimamente relacionado a dois sistemas diferentes, com características e objetivos próprios, o Desporto Escolar processa-se integralmente no âmbito da Educação, devendo, portanto, orientar-se, prioritariamente, para as finalidades desta.
2. Os objetivos desportivos não podem ser perdidos de vista. A ação do desporto escolar deve ser estendida sistematicamente a toda a clientela escolar, como instrumento da educação pelo movimento. Entretanto, será indispensável assegurar, paralelamente, tratamento diferenciado aos talentos e elite desportiva identificados.
3. A unidade organizacional/funcional da escola deve ser preservada. A organização e o funcionamento da atividade devem ser sujeitas ao Regimento da Escola, e o planejamento, o comando e o controle das ações precisam ser centralizados em sua Direção.
4. No momento, a organização do Clube Escolar não deve ser obrigatória. Essa obrigatoriedade funcionaria como séria restrição ao desenvolvimento do Desporto Escolar, reduzindo muito as possibilidades de criação de novas unidades na base do sistema. A escola deve ter liberdade para vincular-se ao sistema desportivo escolar, sem o cumprimento dessa exigência.
5. O Clube Escolar pode envolver ou ser envolvido por outras organizações paraescolares. A idéia é evitar a multiplicação de organizações dentro da escola. A fusão com outras organizações como, por exemplo, o Círculo de Pais e Mestres ou o Centro Cívico, facilita a tarefa da administração.
6. O Clube Escolar pode incorporar atividades não desportivas. As funções do Clube podem ser ampliadas, para a execução de outras atividades de interesse da escola, como, por exemplo, as cívicas e as culturais.
7. As iniciativas de integração devem ser estimuladas e ampliadas. Além da integração natural com a disciplina de Educação Física e com as demais atividades escolares, a prática desportiva deve procurar articulação com outras formas de organização dos desportos, com as atividades de Esporte Para Todos e com a comunidade.
8. As iniciativas sobre o Desporto Escolar devem concentrar-se nas regiões urbanas de menor renda. As classes de renda média e alta já têm acesso ao Sistema Desportivo, através dos clubes do desporto comunitário.
9. A implantação do programa de Desporto Escolar deve ser gradual. Uma atuação de grande amplitude pulverizará o esforço. No início, a estratégia de implantação deve orientar-se para as alternativas de localização mais favoráveis.



# PONTOS DE VISTA

## EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS: COOPERAÇÃO OU CONFLITO? \*

Pierre Seurin \*\*

### I - INTRODUÇÃO

Falarei sobre um problema que, na hora atual, tem importância de caráter mundial: é o problema das relações entre Educação Física e Desportos. Este problema não é novo.

Thomaz Arnold, na Inglaterra, depois de Coubertin, o Dr. Tissié, na França, e Victor Balck, na Suécia — para citar os mais renomados — já tinham, antes de 1900 ou no início deste século, definido o papel do desporto na educação.

Em seguida, certas oposições entre a Educação Física e o Desporto de competição tinham aprecido, e o trabalho de Georges Hébert, "O Desporto contra a Educação Física" (1925), foi exemplo da inquietação dos educadores. Pode-se dizer que, na maioria dos países, desde o renascimento do desporto, a situação evolui constantemente entre "cooperação" e "conflito", com dominantes, conforme os países e os períodos.

Mas hoje, e no plano mundial, levando-se em conta a influência social considerável do desporto e de sua evolução para o desporto-espetáculo, torna-se claro que nós nos encontramos quase sempre em uma situação de conflito e que podemos, mais e mais, duvidar dos valores educativos do desporto.

Transcrito da Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, 5 (13) :6-13.jan./fev. 1973.

Presidente da Federação Internacional de Educação Física.

Ora, estamos convencidos de que a cooperação, mais exatamente, a **integração** do **desporto no sistema geral da Educação Física** é coisa indispensável para o bem de ambos.

Essa integração deve ser resultado da luta difícil, mas apaixonante, que devem empreender os educadores e os responsáveis sociais, conscientes do perigo que apresenta a evolução atual.

É a luta que foi empreendida desde muito tempo pelo grande grupo internacional reunido no seio da FIEP (que congrega atualmente representantes de 70 países), e do qual uma das manifestações mais importantes foi a publicação, em 1971, do "Manifesto Mundial da Educação Física".

Para tentar resolver um problema difícil é sempre necessário definir claramente os dados e analisar em detalhes os múltiplos elementos que sempre se interpõem. Partiremos, pois, de **definições**, em função das quais estudaremos a situação atual das relações entre Desporto e Educação Física. Propomos, a seguir, em função desses dados, as **soluções** que permitem alcançar-se uma união fecunda da Educação Física com o Desporto.

### II - DEFINIÇÕES

É absolutamente necessário livrar-se da atual confusão, resultante da tendência lastimável a limitar, de um lado, o sentido da Educação Física (que compreenderia, por exemplo, unicamente os exercícios de

flexibilidade e de desenvolvimento muscular) e, de outro, a extensão abusiva do termo "Desporto", que pretende incluir todas as atividades físicas, recreativas, educativas, profissionais, competitivas, etc.

Pensamos que é **erro de princípios**, do ponto de vista que nos preocupa — o da educação — de confundir, na mesma terminologia, atividades tão diferentes como o simples passeio e a escalada nas encostas mais difíceis; como o jogo desinteressado e leal e as palhaçadas atléticas e remuneradas do "catch"; como os circuitos solitários do esquiador de fundo e as manifestações históricas dos "desportistas" espectadores; como a atividade aplicada e ponderada daqueles que querem simplesmente distrair-se e manter seu estado de saúde e o treinamento esgotante ou os combates perigosos dos campeões.

Os efeitos físicos e morais de atividades tão fundamentalmente opostas são evidentemente muito diferentes. Tentemos, pois, distinguir claramente as coisas.

8

**A — Educação Física** — é o elemento da educação que utiliza, de maneira sistemática, as atividades físicas e a influência dos agentes naturais, ar, sol, água, etc, como meios específicos (Manifesto Mundial da Educação Física).

Têm por objetivos particulares:

- a busca e a manutenção de um corpo são e equilibrado, apto a resistir aos diversos ataques do meio físico e social, isto é, a "saúde ativa";
- o desenvolvimento da aptidão geral para a ação pelo treinamento das qualidades perceptivas e motoras do domínio de si e da faculdade de julgamento correto das situações;
- a afirmação dos valores morais e particulares: lealdade, vontade, força de caráter, amor ao esforço, etc.

Os meios são determinados pelas leis psicofisiológicas, em particular as da intensidade e das repetições suficientes, da dosagem do esforço, do interesse, das relações indivíduo-grupo, etc, e pelas normas éticas.

As formas são infinitamente variadas e evoluem com os conhecimentos científicos: "toda atividade psicomotora cogitada, em princípio, com finalidade educativa integra-se na Educação Física" (Manifesto Mundial da Educação Física).

**B — O Desporto** - é, em sua concepção mais pura:

- jogo: quer dizer, atividade livre, não perseguindo nenhum objetivo útil, mas que se desenvolve em um quadro de regras precisas. Seu objetivo é a distração e a prova das possibilidades individuais;
- **luta contra um opositor**: tempo, espaço, obstáculo, adversário, etc. Seu objetivo é a vitória;
- **atividade física intensa** por excesso dos próprios esforços, tendo como objetivo a **performance** e o recorde. O Desporto é "jogo de proeza".

Se uma dessas características falta, não há "desporto". Por isso, **sempre do ponto de vista da educação**, deveríamos eliminar o desporto profissional, que seria classificado como um trabalho artístico, semelhante ao do circo ou de teatro, e também eliminar as atividades físicas pouco intensas, como o passeio, certos jogos de bola e outros, que seriam classificados entre as **atividades recreativas**.

### III - AS DIVERGÊNCIAS ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

#### (Aspectos negativos na atualidade)

Por definição, desporto e educação física são, portanto, coisas diferentes, mas não necessariamente opostas, uma vez que o desporto, "prova de si mesmo através da dificuldade", pode, evidentemente, tornar-se um meio de educação.

Para julgar tal possibilidade, uma análise objetiva do fato desportivo atual é necessária. Devemos fazer essa análise sem ser de caso pensado e sem paixão, como homens de ciência, e para isso nos libertamos de uma tendência muito corrente nos desportistas, de ver as coisas e raciocinar através de sua própria experiência quase sempre feliz — e de seu meio — sempre favorável.

Ponhamos em evidência algumas "duras realidades", ilustrando, sem dúvida, situações extremas, mas permanecendo significativas, de uma tendência evolutiva que os educadores podem lamentar:

1º — o desporto moderno é, sobretudo, desporto de competição, rigorosamente seletivo, baseado no campeonato. Procede pela eliminação dos fracos. Aparece mais e mais reservado a uma **minoría** de elementos fisicamente dotados e fortemente ajudados pelo clube, a cidade ou o Estado. E finalmente um desporto de "privilegiados", aos quais se concedem vantagens e honras quase sempre excessivas. É um desporto de "vedettes";

2. - tornou-se um fato social considerável, mas do qual os educadores e os dirigentes desinteressados já não são os mestres. Ele é agora animado e orientado pelos agenciadores de espetáculos, o público, a imprensa, as paixões e os interesses financeiros ou políticos. Seu valor educativo sobre os jovens e o público adulto é cada vez mais duvidoso, quase sempre, mesmo, negativo;

3 ? - o papel dos dirigentes e dos treinadores dos clubes já não é, essencialmente, o de educar, mas o de formar, a qualquer preço, campeões. Mesmo no desporto dito "amador", as transferências recompensadas dos jogadores, as retribuições clandestinas, as manobras fisiologicamente perigosas (como **doping**) são coisas correntes, sempre crescentes.

Aquele que não é dotado e está disposto a todos os sacrifícios (em detrimento de sua vida profissional e familiar) pela glória do clube não é um elemento interessante, e é logo abandonado. O desportista de alta competição já não é um homem livre: ele pertence a seu clube, a seu país e, algumas vezes, simplesmente, a seu "patrão";

4? - o desporto moderno, cada vez mais escravizado ao dinheiro, é por seu turno um aprisionamento do desportista a técnicas fortemente especializadas. E o contrário da cultura. E torna-se para muitos um encargo absorvente, um verdadeiro trabalho ao qual convém sacrificar numerosas horas em detrimento dos estudos, para os jovens, e dos encargos profissionais ou da vida familiar, para os adultos. Ele evolui também irresistivelmente para o profissionalismo;

5? - o desporto moderno não alcança, **em realidade**, na hora atual, senão muito pequena minoria de jovens e ainda menos de adultos. Dizer que alguém é "desportista" porque paga sua contribuição a um clube, porque assiste a competições ou porque joga duas ou três vezes por ano tênis ou basquetebol, parece amável brincadeira, muito frequente, todavia. E, na evolução atual, essa minoria, já reduzida, será cada vez menos, ficando o desporto mais reservado a uma elite de campeões. O fato social desportivo será o "desporto-espetáculo" e não aquele dos praticantes.

Esse quadro — certamente um pouco enegrecido — nos faz claramente compreender que, nessas condições, o desporto não pode servir utilmente, em plano individual e social, à causa da educação pelas atividades físicas. Aparece **mesmo uma divergência fundamental entre a Escola e o clube desportivo**.

Uma, a Escola, dirige-se a todos e preocupa-se especialmente com os mais fracos. Ela procura unir, por sua neutralidade e sua independência, face aos poderes comerciais, mesmo os conceitos políticos ou religiosos. Sua finalidade é a preparação para a vida pela formação de uma cultura geral, antes de tudo. O outro, o clube, ocupa-se sobretudo dos campeões. Separa por rivalidades, às vezes brutais, e por "segregação das especialidades". Quase sempre utiliza-se da concorrência do recrutamento: tal desporto "rouba" praticantes de grupo em uma mesma cidade; tal clube "compra" os melhores jogadores de um clube rival, etc. unia especialização precoce e exagerada é procurada na esperança de melhor preparar o "campeão".

O grande erro pedagógico atual é, em nossa opinião, querer, sob a influência da moda desportiva, aplicar na Escola o que se realiza em nível de clube.

Estão aí, portanto, como acabamos de demonstrar, dois meios diferentes animados por intenções opostas. Afirmamos que é necessário e possível seguir outro caminho.

#### IV - A COOPERAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA - DESPORTOS

Para salvar os inegáveis valores educativos do desporto, reintegrá-lo no

**sistema geral de Educação Física**, dispomos, afinal, de certos fatores favoráveis, dos **quais devemos** também tomar, claramente, consciência:

1. aplicação em **sua mais pura** concepção: jogo, luta, atividade física **intensa, permitindo, antes de tudo**, "conhecer-se, provar-se e superar-se" (como **dizia Pierre de Coubertin**); o desporto permanece um poderoso **meio** de educação, **pois é um real** centro de interesse e compromete fortemente **toda a personalidade**;

2. a **necessidade de atividades** físicas recreativas e equilibrantes é reclamada de modo **sempre crescente** em uma civilização técnica, que se tornou a do **"homem sentado"**, da qual a atividade corporal é insuficiente e o sistema **nervoso** é traumatizado pela agitação, o barulho, a inquietação, **etc**;

3. as **possibilidades materiais de prática** do desporto: estádios, ginásios, piscinas, instalações **para a prática** ao ar livre, etc. e o tempo disponível necessário **a essa prática** são **bastante** grandes para a massa dos indivíduos em **numerosos países**;

4. o nível geral de **cultura e a** formação científica e pedagógica dos educadores físicos são, hoje **em dia**, suficientemente elevados para permitir a eficácia da ação **educadora**;

5. devemos, enfim, **constatar** - com alegria - que existem ainda jovens e adultos que, nos **clubes desportivos**, praticam-no de maneira leal e desinteressada, por **simples prazer**, por amor à luta e ao esforço. Isso até no mais **alto nível, algumas vezes**. E no plano mundial desenvolve-se nitidamente, desde **alguns anos**, poderoso movimento em favor do desporto para todos, "**desporto-jogo**", "desporto familiar", no qual muitos adultos de todas **as idades** encontram alegrias e benefícios fisiológicos apreciáveis.

Estão aí **duas forças** sobre as quais podem apoiar-se os educadores. Tendo tomado consciência dessas realidades positivas para nossa luta, como organizar nossa ação?

Nesse combate difícil é preciso, antes, "escolher nosso terreno", aquele onde nossos esforços possam ser os mais eficazes. Esse terreno é evidentemente a escola. Uma escola que permaneça "aberta" para o mundo

moderno, mas que seja também, para a criança e o adolescente, a "cidadela provisória", o meio preservado das influências nefastas da sociedade ou da ditadura do "bando", o meio onde o adulto (aqui o educador) está **a serviço da criança**, para seu progresso humano, social e suas oportunidades de felicidade futura.

Uma escola, aberta a todos, agindo sobre a evolução dos indivíduos no momento de sua maior plasticidade orgânica e mental, a fim de prepará-los para a **vida de amanhã** por meio de **ampla cultura** não deve, por conseguinte, do ponto de vista da educação pelas atividades físicas, aprisionar sua ação nas conceituações e nos hábitos da vida de hoje, em sua especialização desportiva estreita para uma minoria de futuros praticantes. Ação em nível de escola, principalmente, porque nela somos os "mestres", pois a obrigação escolar coloca à nossa disposição todas as crianças durante um longo período em que podemos agir em condições materiais quase sempre convenientes e, em princípio, com a ajuda poderosa do estado e das associações familiares.

Se nós, nesse meio, não conseguimos criar em nossos alunos uma sã concepção da Educação Física e do Desporto — e sólidos hábitos de prática racional - parece utópico tentar em outros lugares a experiência. No entanto, para consegui-lo é preciso que muitos educadores — até hoje demasiadamente presos à corrente desportiva atual - tenham a coragem de fazer sua "revolução pedagógica". É preciso abandonar, com decisão, o caminho das concepções e das estruturas no qual o desporto se desviou e se deformou.

Como em uma escalada difícil, é preciso ter a sabedoria e a força de vontade para voltar, após ter constatado o erro do itinerário, e reencontrar a plataforma segura que permitirá recomeçar em caminho melhor. Para isso é preciso, evidentemente, guias - os educadores que tenham recebido sólida formação científica e técnica, elevada e sábia concepção de sua missão e sejam capazes, por conseguinte, de encontrar os caminhos seguros para essa difícil passagem de criança e adulto, que é o período da escolaridade.

Para fazer essa "revolução", quer dizer, essa nítida ação e reação contra o estado de coisas atuais, contra esse divórcio entre Educação Física e Desportos, é necessário que os educadores físicos e também os outros responsáveis sociais tomem claramente consciência de certos dados:

- que o desporto, em sua forma atual, não pode constituir toda a Educação física, **nem** mesmo o essencial da Educação Física, no período escolar primário e secundário. Ele não pode ser senão **um elemento**. Poder-se-ia, em **último** caso, conceber uma Educação Física válida, a que fizesse **total** abstração das estruturas modernas do desporto, pois o que constitui o sentido profundo do desporto é provar-se a si mesmo que o jogo e o esforço intensos (a luta) podem muito bem exprimir-se em formas de atividades totalmente diferentes daquelas que encontramos hoje nos estádios e nos ginásios;
- que as técnicas e as formas pedagógicas devem ser escolhidas, em nível delas, sobretudo, para assegurar **primeiro** o desenvolvimento das **qualidades fundamentais**: resistência orgânica e psíquica, sutileza das percepções e domínio corporal, força, flexibilidade, vontade, lealdade, sentido social, etc, e não aprendizagem de técnicas desportivas, infinitamente variadas, sempre mutáveis, e das quais, finalmente, pequena minoria de nossos alunos terá proveito no futuro;
- que, aliás, a melhor maneira de preparar o desportista de amanhã é justamente desenvolver seu valor físico geral;
- que a motivação desportiva baseada no atrativo da competição não é, provavelmente, assim tão geral e tão poderosa nos jovens como se proclama correntemente. Por motivos diversos — que seria muito longo enumerar aqui — devemos constatar que os jovens, os adolescentes sobretudo, entregues a si próprios, não estão tão inclinados hoje em **dia** para a atividade desportiva competitiva.

Considerando essas razões, é muito difícil conseguir a ação educativa, **partindo dessas únicas atividades desportivas**. O caminho é delicado e muito perigoso. É um caminho "minado" pelas intervenções e as in-

fluências insidiosas do desporto-espetáculo, dos poderes financeiros, dos hábitos locais, etc.

Somente os melhores entre os educadores podem algumas vezes conseguir-lo. Mas um sistema educativo jamais pode ser determinado em função dos resultados excepcionais de uma elite minoritária!

O caminho correto, o caminho lógico, o mais seguro e o mais fácil para a massa dos educadores é o de partir da **Educação Física geral**, na qual se dará progressivamente - a partir de 8 ou 10 anos - um lugar sempre mais extenso às formas desportivas concebidas para serem praticadas **por todos**, agradáveis e eficazes **para todos**, organizadas em clima sadio, de lealdade, de respeito à regra e ao adversário, de comprometimento desinteressado!

Sabemos que se pode confiar nos educadores físicos quanto à compreensão dessas novas estruturas desportivas e à criação desse clima.

Permanece, porém, o domínio do clube desportivo, do "desporto federado", no qual é preciso também tentar agir utilmente, pois, mesmo aí, a batalha não está necessariamente perdida, ainda que se tenha tornado extremamente difícil.

Creemos que, por seu valor desportivo, por sua competência técnica e pedagógica, o educador físico pode impor, no clube, sua autoridade **moral**, para, finalmente, orientar as atividades no sentido desejável para a educação e a sã distração do maior número possível de participantes.

É por intermédio do educador que **as concepções da escola**, formativas e educativas, devem penetrar nos clubes desportivos, para o maior bem, estamos persuadidos, da Educação Física geral e do Desporto de amanhã, enfim reunidos.

## DESPORTO E EDUCAÇÃO \*

René Maheu \*\*

Faltando dois dias para a abertura dos Vigésimos Jogos Olímpicos e neste momento em que o mundo se prepara para viver durante duas semanas em união com as lutas pacíficas de que Munique irá ser o maravilhoso teatro, sou profundamente sensível à honra que me coube de tomar a palavra neste ilustre local da Academia das Ciências da Baviera e no âmbito do Congresso Científico, que o comitê organizador dos jogos teve a excelente idéia de convocar e de preparar tão bem.

Sinto esta honra principalmente como uma homenagem prestada à organização que sirvo, a UNESCO, que teve sempre a consciência do valor humano do desporto. As generosas palavras que acabamos de ouvir, proferidas pelas eminentes personalidades alemãs que nos receberam, confirmam este sentimento. Asseguro-vos, Sr. Ministro, Sr. Presidente, que essas palavras constituem um precioso incentivo para a continuação dos nossos esforços a favor de uma integração cada vez maior do desporto na educação e na cultura do homem moderno, para o desenvolvimento harmonioso da pessoa e para a compreensão mútua dos povos.

Para essa grande obra, é, na minha opinião, especialmente adequada a cooperação duma organização intergovernamental, como a UNESCO, com as organizações internacionais não governamentais, como o Comitê Olímpico Internacional, de que tenho o prazer de cumprimentar o novo Vice-Presidente, e o Conselho Internacional para a Educação Física e

Transcrito da Revista Brasileira de Educação Física. Ano 5, n. 16, 1973.

\*\* Diretor-Geral da UNESCO.

Desporto, do qual saúdo deferentemente o distinto Presidente, o mui ilustre Philip Noel-Baker, medalha de prata olímpica, alto funcionário internacional da sociedade das nações, homem de Estado e prêmio Nobel da Paz. É sob o signo dessa cooperação que hoje desejo falar-vos sobre as relações entre desporto e educação.

As virtudes educativas do desporto não precisam de ser demonstradas. E, diante dum auditório tão esclarecido, não é minha intenção determiná-las, mas sim, depois de as evocar brevemente, interrogar-me sobre as razões que fazem com que elas não sejam exploradas tão sistemática e completamente como poderiam e deveriam ser e procurar quais as principais modificações, tanto na educação como no desporto, que é conveniente introduzir nas concepções e práticas atuais para dar ao desporto o lugar que lhe compete na formação completa do homem.

Acima de tudo, o desporto é um fator de equilíbrio no desenvolvimento geral da pessoa. Equilíbrio entre o espírito e o corpo, entre a efetividade e a energia, entre o indivíduo e o grupo. Numa civilização essencialmente intelectualista e tecnológica que concentra a excelência no cérebro e domina pela máquina, num tempo de extremismos em que abundam as distorções de toda espécie, esse fator de equilíbrio, de plenitude e de harmonia é particularmente salutar.

Por outro lado, o desporto é um jogo, isto é, uma atividade gratuita, cuja razão de ser e recompensa reside na própria realização e que não comporta outras regras senão aquelas que ele próprio estipula livremente. Neste aspecto é também um precioso corretivo para o utilitarismo estiolador da nossa época. Com efeito, para além das invenções e

O que afirmamos é particularmente verdadeiro em relação ao espetáculo desportivo. É verdade que o desporto, no seu aspecto de competição, aspecto que está intimamente de acordo com o seu carácter essencial de prova, de medida e de esforço de superação, constitui uma admirável matéria de espetáculos belos e emocionantes. Com todo o direito, faz parte da cultura dramática moderna. Mas, por outro lado, não se poderá negar que o desenvolvimento do espetáculo desportivo desviou a atenção da realidade moral íntima do desporto a favor da sua capacidade de divertimento. Divertimento é o que o desporto se tornou para as multidões reduzidas ao papel de espectadores, a quem o rádio e a televisão dispensam mesmo de uma ida ao estádio. Ora, o divertimento é o que há de mais afastado da verdadeira vida. Também vemos uma parte da juventude denunciar o desporto como um fator de alienação: a advertência merece que se tome cautela.

São estas as principais características do sucesso do desporto, embora o desviem da sua vocação educativa. Mas, com toda a imparcialidade, é preciso reconhecer que, por seu lado, os sistemas educativos não põem nenhum empenho em integrar o desporto nas suas estruturas e atividades.

Em primeiro lugar, como no tempo de Coubertin, o desporto continua a chocar-se com o intelectualismo e com o utilitarismo que, mais do que nunca e em todo o mundo, dominam a educação estabelecida. Digo bem mais do que nunca pois se trata de uma conseqüência da importância crescente da ciência e da tecnologia na nossa civilização. E digo no mundo inteiro porque a procura do desenvolvimento, que se tornou para as nações uma questão de vida ou morte, tende para a universalização desta civilização científica e técnica.

A juventude abafa sob o domínio duma formação demasiado estreita em que a prioridade concedida sistematicamente ao exercício da inteligência e, nesta, às suas capacidades e aplicações mais utilitárias deixa sem cultura as potencialidades sensibilidade física, da intuição afetiva, do sentimento estético, da expressão lúdica ou de criação artística, de que toda a gente é mais ou menos dotada, as únicas que permitem apreciar o sabor da vida. Nos programas e nos horários da maior parte dos sistemas escolares, a educação física e o desporto continuam a ser sacrificados às disciplinas da inteligência, tal como sucede a tantas ou-

tras atividades educativas essenciais, como a educação estética, a educação sexual, a educação cívica e a preparação para a vida social. É assim que desde a escola se forma o homem unidimensional. E a sociedade construída por ele à sua imagem não faz mais do que engrandecer e institucionalizar a desumanidade infeliz e cruel.

No que diz respeito aos educadores, enquanto que o ideal seria, como acontece em algumas *grammar schools* inglesas, que este e aquele professor de disciplinas intelectuais tosem também professores de jogos ao ar livre e iniciadores dum determinado desporto, praticado pela sua contribuição para a formação integral do aluno, pelo contrário, vemos os professores de educação física constituírem no conjunto do corpo docente uma categoria à parte, dotada de qualificações limitadas e de um estatuto inferior, desempenhando um papel apenas marginal tanto na educação da maior parte dos jovens como na vida do estabelecimento.

É certo que, pelo contrário, muitas universidades se especializam na excelência desportiva e procuram de preferência assegurar o concurso dos melhores treinadores, pela outorga de vantagens especiais, e a presença, entre os estudantes, dos atletas mais dotados. Mas essa inversão da hierarquia dos valores e das disciplinas, que faz dessas universidades viveiros de desportistas profissionais mais do que centros de estudo, não modifica nada a segregação fundamental do plano intelectual e físico que é propriamente o mal que importa remediar.

Finalmente, podiam fazer-se as mesmas observações a propósito das instalações desportivas nos estabelecimentos escolares e universitários. Embora se tenham realizado progressos consideráveis em todos os países, à custa, deve dizer-se, de grandes sacrifícios do Estado ou de coletividades privadas, no que se refere às dotações financeiras de que se beneficia esse equipamento, no entanto, este continua a ser raramente inteiriado na estrutura e na vida do conjunto da comunidade educativa, como nos modelos excepcionais de Eton e de Rugby, de Oxford e de Cambridg. Ora, é necessário que o campo de jogos, o ginásio, a sala de basquetebol ou de esgrima, a piscina e a pista estejam em relação de simbiose com a sala de aula e de estudos, o laboratório e a biblioteca, como o teatro-cinema e a sala de clube, de modo a poder passar-se facilmente de um a outro destes universos, destas diversas facetas de cada indivíduo, cuja síntese compõe a pessoa humana. E acabemos com o

hipócrita **álibi** do pátio de recreio, esse claustro sem oração, prisão da inocência, onde se quebra tanto **élan vital** ou se despende inutilmente.

Perante essa situação, de que, evidentemente, forcei a descrição para simplificar, impõe-se uma reação no sentido da abertura recíproca e da interpenetração dos sistemas educativo e desportivo. Creio que, por parte da educação, as circunstâncias se apresentam favoráveis neste aspecto. Estou menos certo que aconteça o mesmo em relação ao desporto. Mas, de qualquer modo, é certo que nada se fará se homens responsáveis, que sejam também homens de visão, capazes de inspiração imaginativa e de conquistar a simpatia do público, especialmente das gerações novas, não tomarem, de um e doutro lado, disposições resolutamente inovadoras. É pensando nessa eventualidade, para a qual faço votos e para a qual estou pronto, por minha parte, a comprometer-me com a energia e com a audiência de que possa dispor, que queria apresentar-vos algumas observações e reflexões que tenho no coração.

Disse que, pelo lado da educação, o momento era favorável. A primeira razão é que em quase todos os países predomina o sentimento, tanto por parte da opinião pública e dos políticos como dos técnicos e dos especialistas, para não dizer dos estudantes, que se impõem revisões e novas orientações nos sistemas educativos atuais. Eu partilho esse sentimento. E a expressão "crise de educação", ainda que se use a torto e a direito, não me mete medo. Creio que está em gestação um novo modelo humano e penso que uma mutação é necessária para pôr a humanidade em situação de resolver de maneira adequada, pelo menos por algum tempo, os terríveis problemas postos pelos desequilíbrios, pelas injustiças e pela aceleração incontrolada do seu próprio progresso. Isso exigirá, seguramente, muitos esforços e tempo, visto que os problemas se põem agora à escala do planeta e, dada a nova solidariedade que liga os diversos focos de civilização no mundo, exigem soluções simultaneamente pluralistas e coordenadas. Sem dúvida que será necessário o esforço de várias gerações para franquear a barreira, tal como aconteceu no Ocidente, quando se passou do modelo antigo ao modelo cristão ou ainda do homem gótico ao homem clássico. Mas parece-me que estamos desde já envolvidos nesse processo e, se, pela nossa parte, não estamos destinados a ver o seu termo, podemos, no entanto, fazer muito para facilitar aos nossos sucessores o caminho do êxito.

Neste aspecto, está a delimitar-se certo objetivo e certo contributo. O

objetivo é a realização do homem na sua multidimensionalidade. O contributo é a educação permanente. Não é altura de nos alargarmos sobre estas noções. Limitar-me-ei a dizer que inspiram desde agora o conjunto da ação da UNESCO, em matéria de educação. Quero somente assinalar em que é que elas oferecem novas possibilidades de integrar o desporto na educação. A procura de um modelo educativo multidimensional — que se não deve confundir com a multiplicidade, simultânea ou sucessiva, de opções seletivas que se excluem mutuamente, nem com a acumulação de múltiplas disciplinas levada até ao cansaço — é a retomada moderna do movimento humanista que levou a educação aos seus maiores êxitos: os que deram ao homem os meios de auto-domínio e de realização harmoniosa. Nesta perspectiva, a educação consiste menos na aquisição de conhecimentos e de técnicas, visando a uma particular eficácia intelectual ou física, do que no desenvolvimento das atitudes e das aptidões polivalentes que permitam uma realização autêntica da pessoa. Trata-se essencialmente de "aprender a ser", segundo a bela expressão que a Comissão Internacional da UNESCO sobre o desenvolvimento da educação, presidida por Edgar Faure, deu como título ao seu relatório.

Um tal conceito de educação não poderá, evidentemente, acomodar-se com a orientação estritamente intelectualista e utilitária que caracteriza ainda a maior parte dos sistemas educativos, que eu disse constituir um dos principais obstáculos à penetração do desporto no meio educativo. Deve levar, num prazo mais ou menos breve, a uma profunda transformação na economia dos programas escolares assim como ao desenvolvimento progressivo do aluno e do estudante. Exige também um novo tipo de relação, no seio do processo educativo, entre o educador e o educando, os quais devem ser considerados ambos, apesar da diferença de funções, como agentes de uma mesma procura de si e de outrem, para um enriquecimento recíproco. E, entretanto, exige um novo tipo de educador, mais próximo do iniciador do que do instrutor.

É impensável que nesta profunda refundição da educação, a educação física e o desporto não encontrem o seu verdadeiro lugar. Constituem elementos demasiado importantes do equilíbrio e da plenitude da pessoa e oferecem à nova pedagogia muitas possibilidades de animação ativa para serem negligenciados. É necessário ainda, é certo, que aqueles que têm a seu cargo essa formação tomem consciência do movimento de renovação educativa que se propaga através do mundo e se elevem



ao nível das circunstâncias. Chegou o momento de mostrarem, eles também, que são mestres no sentido exato do termo, isto é, portadores de mensagens e demonstradores de exemplos capazes de modelar a vida.

Falei de educação permanente. E, com efeito, essa educação multidimensional, dedicada a aprender a ser, não tem sentido e não pode mesmo concretizar-se a não ser no âmbito de um esforço co-extensivo simultaneamente à totalidade da comunidade e à duração da existência do indivíduo. Essa perspectiva é cada vez mais aceita e acaba de se manifestar recentemente na terceira Conferência Internacional da UNESCO sobre a Educação dos Adultos, em Tóquio.

Sem dúvida, estamos ainda longe de assumirmos todas as implicações e mais ainda de realizar as condições da sua aplicação efetiva. Mas, a partir de agora, compreende-se que se deverão dar modificações radicais na organização do sistema educativo, no que se refere especialmente às prioridades que regem a planificação dos esforços e a repartição dos recursos, às estruturas governamentais e administrativas e, finalmente, às próprias instalações educativas.

No que diz respeito à repartição dos recursos, penso que se irá para um aumento da percentagem atribuída à educação dos adultos em relação à dos jovens, que até aqui reteve exclusivamente a atenção. E é a ocasião de lembrar que nada é mais falso do que acreditar que o desporto é apanágio da primeira juventude, como se tem acreditado muitas vezes por influência do prestígio da alta competição, especialmente em algumas disciplinas. Jean Borotra, que tenho o prazer de ver entre nós, constituiu um prestigioso exemplo.

Quanto às estruturas governamentais e administrativas, importa que os serviços responsáveis pela juventude e desportos deixem de formar, como sucede em muitos países, um sistema fechado, freqüentemente muito politizado, para se integrarem abertamente quer no sistema educativo, a que chamarei estabelecido, isto é, escolar ou universitário, quer no sistema de cultura e de comunicação, subentendendo-se que um e outro, embora atualmente distintos, fazem parte de um mesmo conjunto e que um dia será necessário realizar a unidade fundamental.

Quanto às instalações educativas, põe-se sobretudo o problema da fun-

ção e da organização da universidade e da escola. A este propósito, declaro que não me incluo no número daqueles que afirmam que essas instituições, preciosa herança respectivamente do espírito mediterrânico e religioso da Idade Média muçulmana e cristã e da idade industrial, fizeram o seu tempo e devem ser postas de lado. Penso firmemente que devem ser conservadas, mas é claro que é necessário reformá-las profundamente, abrindo-as para todos os aspectos, necessidades e aspirações da sociedade moderna e integrando-as num sistema amplo e maleável de educação total e permanente. Acima de tudo, é necessário que esses estabelecimentos deixem de ser universos fechados à margem da vida real — **ghettos** — como alguns dizem, não sem exagero. É isso que está em vias de se realizar em relação à universidade, é isso que se deve realizar também na escola primária e secundária.

É também indubitável que essa transformação, que deverá fazer dos estabelecimentos escolares e universitários centros de vida comunitária reunindo jovens e adultos, misturando o estudo, a vida e o jogo numa simbiose de investigação e de realização cultural, abrirá ao desporto novas possibilidades no seio da educação. Finalmente, por-se-á termo a uma absurda dualidade de sistemas que muitas vezes se ignoram: por um lado, a educação física e o desporto escolar e universitário, por outro, o desporto e as atividades ao ar livre. Poderia fazer-se a economia de instalações desportivas dispendiosas que só funcionam para uma parte da população durante uma parte do tempo, como esses campos de jogos e essas piscinas que fecham no verão sob o pretexto de serem férias ou esses imensos estádios que só abrem para o espetáculo no sábado ou no domingo. Acabar-se-á com os clubes em que os jovens encontram treinadores desejosos de **performances**, mas onde raramente encontram educadores preocupados com o homem integral. Acima de tudo, acabar-se-á com a fragmentação da comunidade e da pessoa e com as frustrações e as rupturas de equilíbrio que acompanham sempre aquilo que é incompleto. Saberá o desporto aproveitar as ocasiões que assim se lhe oferecem para a profunda reforma da educação que principia? Saberá, enfim, desempenhar plenamente a sua função na formação individual e social do homem? Não estou tão certo disso como gostaria de estar, porque, para isso, é necessário que também o desporto se reforme e não menos profundamente, por duplo processo de retorno às fontes e de invenção contínua. Permiti-me que indique algumas direções em que, na minha opinião, se devia orientar prioritariamente essa reforma.

Acima de tudo, importa que os responsáveis pelo desporto, encarregados de organismos governamentais ou não governamentais, concedam um lugar maior nas suas preocupações e objetivos, no plano nacional e internacional, a tudo aquilo que eu inicialmente evoquei como sendo a capacidade educativa do desporto, que é a sua verdadeira realidade humana, e se preocupem menos com o espetáculo que, em si próprio, deveria destinar-se a evidenciar um sentido moral, como o pretendia o fundador dos Jogos Olímpicos modernos. O sucesso do espetáculo desportivo, a importância que assumiu nos costumes infelizmente é muitas vezes explorada para fins alheios e às vezes opostos ao desporto e que são outros tantos fatores de corrupção ou de deformação: o mercantilismo, o chauvinismo, a política. Chegou o tempo de reagir e de reagir energeticamente, se se quer conservar o espírito do desporto. Chegou o tempo de escolher entre o circo romano e a palestra grega. Chegou o tempo de escolher entre a exaltação do orgulho nacional e a da fraternidade humana, entre aquilo que opõe os homens e aquilo que os une. É também necessário que o desporto retorne à natureza. A excessiva procura de proezas que exigem a realização de condições cada vez mais excepcionais, junto ao desejo de rigor que caracteriza a alta competição, sobretudo em confrontos ou em oposições internacionais, levou progressivamente a que o desporto constituísse em um universo físico próprio, por assim dizer estanque, em relação às contingências da verdadeira natureza e por isso anormal, na medida em que se procura realizar a norma abstrata. Aí reside também uma grave deformação, porque o princípio do desporto e a fonte das suas alegrias mais sãs é a restituição do corpo à sua liberdade instrutiva e, portanto, à comunhão do homem com a imensa natureza de que faz parte. Esse regresso à autenticidade e ao à-vontade físico impõe-se nos nossos dias mais do que nunca, para compensar o desequilíbrio crescente introduzido na nossa maneira de viver pelo desenvolvimento da maquinização e pelas condições artificiais de existência que predominam nos aglomerados urbanos. Na sua origem o movimento desportivo foi principalmente uma evasão dos cidadãos para o ar livre. O seu significado profético era advertir a humanidade dos perigos da civilização industrial. Não poderíamos esquecer esse aspecto altamente salutar do desporto, na medida em que parece que esta civilização destrói e polui cada vez mais o ambiente natural do homem. É necessário que o desporto não participe também no processo de desnaturação que nos ameaça. Por fim, uma última observação. O desporto, que se tornou fenômeno universal e é dotado de uma prestigiosa organização mundial, como a organização

olímpica, deve assumir as implicações desta universalidade. Quero dizer com isto que deve reconhecer e refletir na sua estrutura e manter e até desenvolver na sua ação a pluralidade das culturas que constitui a riqueza do patrimônio moral da humanidade e pela qual se exprime a sua inesgotável liberdade criadora. Para ascender ao plano universal, é necessário repudiar resolutamente todo etnocentrismo cultural: é uma das finalidades essenciais da UNESCO. Assim, não é pôr em causa o valor permanente dos desportos de origem helênica ou anglo-saxônica observar que não são os únicos no mundo cujas capacidades corporais e morais merecem ser valorizadas para fins educativos e estéticos. Não sejamos nisso prisioneiros de tradições rígidas e abramo-nos resolutamente à diversidade das possibilidades humanas. É paradoxal que os povos dotados de um sentido inato da dança, conscientes ao mais alto grau das virtudes catárticas e formadoras do jogo e em quem a cultura corporal se associa intimamente à vida da comunidade, se limitem a imitar os desportos doutras nações e precisamente num momento em que nestas se esboça um movimento a favor da libertação das formas e dos ritmos de expressão física. Seria lamentável que a introdução nesses povos de práticas desportivas estritamente codificadas se fizesse em detrimento do seu próprio valor lúdico. Já não será necessário que um desejo de prestígio internacional os incite a um esforço excessivo com o objetivo de produzir elites de alguns campeões a expensas da progressão das massas. Assim, talvez não seja quimérico formular o voto que, no âmbito ou ao lado de manifestações mundiais, como os Jogos Olímpicos, se possam um dia organizar competições com uma regulamentação menos estrita do que aquelas que conhecemos, onde se apresentam exercícios físicos e jogos originários no gênio de sociedades muito diversas. O mundo é uma imensa polifonia. A festa universal da juventude, com que sonhava Pierre de Coubertin, deve ser feita à imagem desta. A humanidade está numa fase de mutação profunda e rápida, temos consciência disso. Procura às apalpadelas o seu caminho através de destinos confusos, grandiosos e simultaneamente temíveis. A educação e o desporto não poderiam constituir exceção a essa necessidade de transformação. Muito longe de tentarem espacarlhe, pelo contrário devem contribuir para a evolução geral com toda a lucidez e com toda a generosidade que andam ligadas à sua vocação, procedendo, em primeiro lugar, às reformas que se impõem nos seus domínios. Essa tarefa capital de renovação dos sistemas propriamente ditos e da própria sociedade no seu ser global poderá ser feita tanto melhor, penso eu, se desporto e educação trabalharem em conjunto, enriquecendo-se e reforçando-se

mutuamente com as suas experiências e os seus recursos. Tal é pelo menos o espírito com que a UNESCO encara esses problemas e pede

a colaboração de todas as organizações e de todas as pessoas de boa vontade que partilham da sua fé no Homem e se dedicam, como ela, ao seu serviço.

**FANALI.** *Otávio Augusto Aníbal Cattani. Plano para desenvolvimento de diretrizes para formação de esportistas de alto nível técnico, utilizando a rede escolar do 1º e 2º graus. São Paulo. USP, 1981. 54p. mimeo. Anexos (Tese mestrado).*

*Considerando que o desporto constitui um fenômeno social, visto como meio de educação e fomentador de bem-estar social, o presente trabalho faz uma análise da situação do desporto no contexto mundial, em particular no Brasil, apresentando uma proposta de criação do Clube Escolar, de acordo com a legislação que regulamenta o Sistema Desportivo Nacional.*

*A idéia é de que o Clube Escolar tem por finalidade principal "formar atletas de alto nível técnico e propiciar ao alunado de 1º e 2º graus da rede oficial de ensino, a oportunidade de iniciação desportiva na modalidade de sua preferência, bem como treinar os futuros dirigentes das entidades desportivas".*

*O interesse do grande público internacional pela atividade desportiva, segundo o autor, cresceu a partir da década de 50, com a participação da URSS nos jogos olímpicos que, além de ter tido uma conotação política, serviu para divulgar os métodos soviéticos utilizados, até então a nível escolar, para estendê-los à preparação de elites desportivas. A França, por sua vez, criou, em 1945, a ASSU (Association du Sport Scolaire et Universitaires). Simultaneamente, outros países criaram entidades congêneres que culminaram com a fundação da IFS (Fédération International du Sport Scolaire), em 1972, na cidade de Beaufort (Luxemburgo), "destinada a organizar competições escolares internacionais nas diferentes modalidades esportivas e encorajar o intercâmbio entre os jovens esportistas, visando uma melhor compreensão mútua".*

*Destaca o autor o fato de que, nessa época, o Brasil não recebia o mesmo impulso que as outras nações interessadas em desenvolver o*

*desporto. A situação era indefinida e sem estrutura suficiente para dar consistência a um sistema esportivo, não havendo nenhuma entidade de caráter federal para dirigir a educação física e o desporto.*

*Em 14 de abril de 1941 foi promulgado o Decreto-Lei n.º. 3.199, que pretendia estabelecer as bases da organização do esporte em todo o território nacional, mas não possuía nenhuma diretriz política e um plano de ação, o que gerou uma série de portarias, resoluções e deliberações impedindo qualquer iniciativa de definição das áreas de atuação da Educação Física e Desporto. Não havia, tampouco, referência ao esporte escolar, que ficou sujeito à boa vontade de pessoas interessadas em promovê-lo.*

*Tal situação permaneceu até 1966, quando ocorreu o fracasso da Seleção Brasileira de Futebol nas disputas da Copa do Mundo realizadas na Inglaterra. O fato veio despertar a atenção das autoridades federais para a necessidade de modificar a postura do Brasil diante da sua atuação esportiva internacional.*

*Providenciou-se, primeiramente, a elaboração de um "Diagnóstico de Educação Física e Desportos", do qual originou a Lei n.º 6.251/75, que procurou modernizar a legislação existente e estabelecer uma Política Nacional de Educação Física e Desportos. Foi determinado que o desporto escolar abrangeria as atividades desportivas praticadas no ensino de 1º e 2º graus, a partir dos onze anos de idade (5ª série do 1º grau), com orientação para as atividades de desporto de massa ou para competições de alto nível, sob a supervisão normativa da SEED/MEC (Secretaria da Educação Física e Desportos) e estabelecido que a maior parte dos investimentos deveriam ser orientados para a Educação Física.*

*Para atualizar a problemática da prática desportiva foram inseridas nos objetivos específicos do I Plano Nacional de Educação Física e Desporto, elaborado de acordo com o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1976/79), três grandes áreas: educação física e desporto estudantil*

(englobando o desporto universitário e escolar, dos quais se origina o desporto de alto nível); **desporto de massa** e **desporto de alto nível**. O desporto estudantil está estruturado apenas na parte referente ao universitário.

Quanto ao desporto escolar não se encontra organizada a sua operacionalização, prevista de forma genérica, o que levou a se desenvolverem ações isoladas com características administrativas de "campanhas", como por exemplo, os Jogos Escolares Brasileiros.

Apesar de todo suporte legal, o desporto no Brasil ainda é precário, visto que o número de alunos universitários em condições de participarem de eventos de alto nível é quase insignificante, em relação ao total de alunos que ingressam nas universidades. Os egressos de 1º e 2º graus, por sua vez, que optam por outras profissões, não continuam com a prática do esporte nos clubes, justamente pelo fato de não terem tido iniciação suficiente para uma prática contínua e permanente.

Quanto ao desporto de massa, este quase não existe, considerando as dificuldades que os clubes encontram em oferecer a prática esportiva aos seus associados, cujo número é limitado, devido ao baixo poder aquisitivo da população.

A análise da situação da educação física e desporto no Brasil, leva o autor a crer que a solução se encontra na criação do Clube Escolar nos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus que, além de congregarem um número maior de participantes, conseguirá melhor qualidade técnica. Por outro lado, há o grande valor educativo do esporte na formação da personalidade do jovem, contribuindo para a melhoria da sua condição física, desenvolvimento das habilidades motoras e do sentimento de cooperação e solidariedade, bem como iniciá-lo na administração desportiva. Além disso, a participação do aluno em atividades desportivas extracurriculares podem servir de atrativo para mantê-lo freqüentando as aulas, diminuindo, desta forma, a taxa de evasão escolar.

"A inexistência de um sistema que dirija o desporto escolar propicia o não aproveitamento das potencialidades oferecidas pelos estabelecimentos de ensino em todo o seu universo, através do alunado, professores, funcionários, recursos materiais e instalações".

Vários educadores têm se manifestado a respeito da importância de integrar o aluno ao desporto na escola, considerando que somente a ginástica nas aulas de Educação Física não desperta o gosto do aluno para a prática de uma atividade que é útil para seu bem-estar bio-psico-social.

"Embora a Lei nº 6.251/75, no parágrafo 2º do artigo 26, estabeleça que as atividades desportivas, praticadas nas áreas de ensino de 1º e 2º graus, serão organizadas pela SEED, até a presente data o referido órgão não formulou nenhuma proposta a respeito".

A participação nos eventos coletivos da IFS é permitida somente às equipes representantes de clubes escolares desportivos, regularmente constituídos; os alunos-atletas sem esse vínculo só podem participar dos desportos individuais.

Portanto, dentro da problemática que envolve o desporto nacional, o presente trabalho baseia-se na importância e na necessidade do ensino esportivo, no encaminhamento da criança para as práticas esportivas e recreativas e, ainda, na melhoria do padrão esportivo brasileiro, para propor a criação do Clube Escolar como solução para diminuir o tempo ocioso das instalações esportivas, concorrer para o aumento do número de participantes, congregando a população escolar, criando condições de formação de atletas de alto nível, descobrir novos talentos e favorecer, ainda, a formação do jovem através da sua participação na administração desportiva.

Sugere que, ao ser criado o Clube Escolar, o Brasil lance mão dos princípios constantes no Manifesto **Mundial** de Educação Física — documento elaborado em 1965 pelo Conselho Internacional de Educação Física e de Desportos, aprovados pela FIEP (Fédération Internationale D'Education Physique).

**CONSEIL INTERNATIONAL POUR L'ÉDUCATION PHYSIQUE ET LE SPORT. Manifiesto sobre el deporte. Paris /s.d./27p.**

Elaborado pelo Conseil International pour l'Éducation Physique et le Sport - CIEPS, em cooperação com a UNESCO, após consulta prévia aos governos e organizações particulares interessadas, esse **Manifiesto** busca examinar as principais questões concernentes ao esporte no mundo moderno e traçar as grandes linhas de ação que irão nortear a condução dos assuntos relativos à área.

A análise realizada pelo documento e as proposições nele contidas incidem sobre os três campos essenciais do esporte: na escola, nos momentos de lazer e na competição de alto nível.

Inicialmente, procura dar uma visão global sobre o tema em foco — o esporte, imprescindível ao embasamento das posições tomadas ao longo do Manifiesto.

Começa, dessa maneira, por inserir um extrato dos trabalhos da "Comision de la Doctrine" do Alto Comitê de Esportes da França, onde apresenta definição de esporte, caracterização do grupo desportivo, importância do esporte para o desenvolvimento do homem, direito de todos à prática do esporte e deveres do esportista e do dirigente desportivo.

Em seguida, ressalta a contribuição que o esporte pode oferecer à humanidade, frente às novas exigências provocadas pelas profundas mudanças econômicas e tecnológicas ocorridas na sociedade contemporânea. Neste sentido, enfatiza os aspectos referentes ao esporte como elemento compensador indispensável das tensões da vida moderna, excepcional meio de formação de juventude, capaz de estimular a participação e a iniciativa nos períodos livres (feriados, fins de semana, férias, etc.) e originador de grupos sociais formados com base na igualdade, amizade e fraternidade, em uma nova dimensão das relações humanas.

Refere-se, também, ao fato do esporte estar se convertendo em elemento essencial de cultura pois "inicia uma ética, uma maneira de ser, um

comportamento moral, ao mesmo tempo que proporciona uma contribuição original ao conhecimento de si mesmo e dos demais". Mais ainda, concorre para o desenvolvimento das diversas áreas da ciência, fornecendo subsídios aos seus estudos e investigações, além de receber delas, por sua vez, os conhecimentos necessários à compreensão do fenômeno desportivo.

Embora as transformações sociais, econômicas e tecnológicas sejam mais intensas nos países desenvolvidos, as possibilidades mencionadas interessam tanto a eles quanto aos países em vias de desenvolvimento. Em relação a estes últimos, torna-se necessário que empreendam a integração do esporte nos planos de ação governamentais, visto que "pode ajudar decisivamente a melhorar a saúde, a resistência e a eficácia das populações, a reforçar a unidade nacional, a favorecer a participação na vida internacional, a diminuir as tensões raciais e, em uma palavra, a acelerar o processo de desenvolvimento".

Partindo para a apreciação dos temas específicos, o Manifiesto busca, em primeiro lugar, definir o lugar e o papel do esporte na escola.

Reporta-se ao já reconhecido valor da prática de atividades físicas e desportivas para a educação dos jovens. Bem orientada, conduz a um desenvolvimento harmonioso, favorecendo o equilíbrio físico e psíquico, a formação do caráter e da vontade e a adaptação social do indivíduo.

O esporte é parte integrante da educação e, como tal, é preciso que a escola não só esteja atenta a este aspecto, como também procure operacionalizá-lo. De forma consciente e sistemática, deve prover meios e condições para que o aluno possa desenvolver as diversas facetas de sua personalidade, abrangendo tanto os exercícios físicos, quanto os intelectuais ou práticos.

Vários pontos levantados são da maior importância.

Em Aberto, Brasília, ano 1, n. 5, Abril, 1982

O primeiro deles relaciona-se aos programas e currículos ensejados pelas escolas. Adaptar programas e diretrizes pedagógicas de modo a favorecer o desenvolvimento do hábito da prática desportiva na criança, preparando-a para o correto emprego de seus momentos de lazer, quando adulto; promover o equilíbrio entre as diversas disciplinas que compõem o currículo, refletindo-se tanto nos conteúdos quanto nos horários; desenvolver programas referentes às atividades físicas e desportivas apropriados à idade, sexo e interesse dos alunos, com especial destaque para aquelas que possam ser exercidas durante toda a vida e praticadas por grupos de indivíduos de sexos e idades diferentes, são todos aspectos a serem observados no sentido de sua concretização.

Instalações e equipamentos adequados são igualmente importantes e indispensáveis à prática do esporte na escola. São abordadas, aqui, as questões referentes à localização das instalações e à disponibilidade de seu uso por pessoas da comunidade.

No que concerne ao ensino da educação física e desportiva, o Manifesto, muito significativamente, alerta para a necessidade de se contar com professores devidamente habilitados, cuja formação profissional seja adaptada à idade dos alunos. Tendo em vista a importância da integração total das disciplinas na escola elementar, o ensino, neste nível, deve ser ministrado por um professor polivalente, a quem cabe realizar a unidade da ação educativa.

Afirmando que "se obtém uma grande eficácia pedagógica quando o professor se encontra em condições de poder ensinar aos mesmos alunos uma disciplina intelectual e a educação física e desportiva", não deixa, contudo, de incentivar a realização de experiências, nas escolas elementares, com professores especializados na área da educação física, os quais são normalmente utilizados nas classes de ensino médio, em diversos países.

Na segunda parte, dedicada ao esporte nos momentos de lazer, o Manifesto salienta o papel fundamental que as atividades desportivas podem desempenhar na vida atual, em que a duração e o significado dos períodos de lazer assumem novas dimensões.

São eles "o domínio privilegiado das escolhas individuais e da liberdade". Sendo assim, impõe-se colocar à disposição de cada pessoa numero-

sas opções, capazes de satisfazer necessidades e interesses diversificados. No caso do esporte, implica oferecer todas as modalidades de atividades físicas e desportivas, abrangendo tanto as formas tradicionais de competição, como as várias manifestações em que as atividades físicas se configuram — inclusive aquelas ao ar livre.

Além de prazer variado, o esporte nos momentos de lazer apresenta-se como de elevado valor educativo, pois contribui de forma decisiva para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, permitindo, ao lado da vida profissional, sua plena expansão.

Recorda, ainda, as vantagens do esporte como ocasião de contatos sociais, desenvolvendo o conhecimento mútuo, o espírito de equipe e as virtudes inerentes ao espírito desportivo. É nos momentos de lazer que o esporte amador alcança sua forma ideal, posto que é praticado sem outra finalidade que a de conseguir descanso, recreio e progresso pessoal.

Indo mais além, o Manifesto faz ver aos diversos países, instituições e pessoas responsáveis que a prática do esporte nos períodos de lazer exige o suporte de uma estrutura organizada e condições adequadas ao seu pleno desenvolvimento. Com muita propriedade, relaciona as medidas práticas e técnicas a serem acionadas nesta direção.

O exame pertinente ao esporte de alta competição - objeto da terceira parte - traz uma abordagem sobre a problemática específica deste campo.

Tendo sua expressão máxima nos Jogos Olímpicos, essa forma de esporte proporciona valiosa contribuição ao aperfeiçoamento do indivíduo e da sociedade.

Procedendo à análise, identifica, entretanto, perigos decorrentes do inadequado aproveitamento das oportunidades oferecidas, capazes de ameaçar a própria existência da competição de alto nível. São eles: excessos nos treinamentos e na participação dos jovens nas competições, distorções na orientação social do atleta, uso de drogas, ufanismo e comercialização do esporte. Observa-se nitidamente a intervenção de forças e interesses externos, principalmente econômicas e políticas, com o objetivo de utilizar e direcionar esta modalidade de esporte para o alcance de seus próprios fins.

*Estudando, particularmente, o problema do amadorismo, focaliza a defasagem dos estatutos da elite desportiva com a realidade atual, cuja concepção ainda marcadamente aristocrática, obriga o atleta à exclusiva condição de amador. Como conseqüência, a figura do "falso amadorismo" instalou-se no seio do esporte de alta competição, gerando prejuízos incalculáveis à formação da pessoa humana.*

*O posicionamento frente a estas questões é firme e positivo. Invoca, de um lado, a conscientização dos responsáveis, visando garantir o espírito desportivo nas competições. De outro, propõe, em relação ao "amadorismo", princípios básicos de uma reforma, cuja necessidade se impõe.*

*Reforça, em todos os sentidos, a idéia do "jogo limpo", como essencial ao esporte de alta competição. É ele que concede ao esporte a sua qualidade humana o que implica no respeito e na lealdade, tanto para o adversário como para consigo mesmo.*

*Como conclusão geral, o Manifesto propõe a participação de todos na busca da expansão do esporte. Sua democratização exige a mobilização de governos, educadores, desportistas e responsáveis sociais e econômicos, além do justo equilíbrio entre a iniciativa privada e os poderes públicos. Em relação a estes últimos, sugere, finalmente, o que compete a uns e outros realizar neste sentido.*

*Vale ressaltar, aqui, a Mensagem do Sr. René Maheu, então Diretor-Geral da UNESCO, na abertura do documento. Analisando suas proposições e principais contribuições ao melhor entendimento do esporte em nossa época, identifica e expõe a abrangência exata de seu significado: "O Manifesto não pretende nem estabelecer uma doutrina completa e definitiva que trataria unicamente de difundir, nem oferecer um programa de imediata aplicação nem, menos ainda, o plano de um movimento organizado. Pelo contrário, seu único e verdadeiro objetivo consiste em um convite à investigação e ao pensamento crítico. Convite certamente orientado, mas aberto a todas as iniciativas e a todas as deduções. É o ponto de partida, não o de chegada".*



# BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Regina M. de Lima. A importância da avaliação dos eventos esportivos para suas administrações. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, 7 (25) : 64-7, jan./mar. 1975.
- BICALHO, Maurício Duque. Organização de competição - ginástica olímpica. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, 10 (38) : 4-15, jul./set. 1978.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Educação Física e Desportos. Avaliação IX JEBs; MEC-DED 1977. Brasília, DDD, 1979.
- \_\_\_\_\_. Divisão de Educação Física. Organização desportiva. Rio de Janeiro, 1965. 248p. il. (Curso de educação física por correspondência).
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Física e Desportos. Avaliação X Jogos Escolares Brasileiros 1979. Brasília, 1981. 343p.
- \_\_\_\_\_. Avaliação XI Jogos Escolares Brasileiros 1981. Brasília, 1981. 2v.
- \_\_\_\_\_. Diretrizes gerais para a educação física/desportos, 1980-85. Brasília, 1981.
- BUCHER, Charles A. Administration of health and physical education programs including athletics. St. Louis, Mosby, 1975.
- CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. Estruturação dos desportos universitários. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, 10 (36) : 69-80, jan./mar. 1978.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. Organização desportiva; clube e sistema. Artus; revista de educação física e desportos, Rio de Janeiro, 1 (2) : 56-7, 1976.
- \_\_\_\_\_. Teoria organizacional da educação física e desportos. São Paulo, IBRASA, 1979. 167p. (Biblioteca didática, 13).
- CARVALHO, A. Mello. Cultura física e desenvolvimento. Lisboa, Compendio, 1978.
- COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR; esportes e educação. São Paulo (1) 1973; (2) 1973.
- COSTA, Lamartine Pereira da. Caracterizações para uma política desportiva nacional. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, 7 (26) : 20-41, abr./jun. 1975.
- \_\_\_\_\_. Diagnóstico de educação física, desportos no Brasil. Rio de Janeiro, MEC, FENAME, 1971.
- \_\_\_\_\_. Educação física e desportiva nas universidades; pesquisa e pós-graduação. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília, 2 (34) : 13-23, abr./jun. 1977.
- \_\_\_\_\_. Noções de administração para profissionais da educação física e dos desportos. Brasília, MEC, DDD, 1979. 46p. il. (Caderno técnico).
- CUNHA, Renato M. G. Brito. Organização de competições de desportos coletivos. Rio de Janeiro, APEFEG, 1964. 46p. il. (APEFEG. Publicação, 5).

- FANALI, Otávio Augusto Aníbal Cattani. **Plano para desenvolvimento de diretrizes de esportistas de alto nível técnico, utilizando a rede escolar do 1º e 2º graus**. São Paulo, USP, 1981. 54p. anexos. tese (mestrado).
- \_\_\_\_\_. **Terminologia da educação física e desportos**. Brasília, MEC, DDD, 1981.
- FRANCO, Cornélio Souza Lima. Jogos Estudantis Brasileiros. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 5 (21) : 22-8, maio/jun. 1974.
- GONÇALVES, J. A. Pires. **Subsídios para implantação de uma política nacional de desportos**. Brasília, DEFER, 1971.
- GUTIERREZ, Washington. **Organização da educação física e dos desportos**. 2. ed. Porto Alegre, Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre, s.d. 61p. (Coleção ESEF-IPA, 3).
- KARAN, D.S. **Administración y organización de la educación física, deporte y recreación**. México, ENEF, 1976.
- LEI Nº 6.251 de 8 de outubro de 1975; institui normas gerais sobre desportos. **Artus**; revista de educação física e desportos, Rio de Janeiro, 1 (3) : 59-60, 1977; **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 8 (29) : 27-34, jan./mar. 1976.
- LISTELLO, Auguste. **Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer**; organização do ensino: do esporte para todos ao esporte de alto nível. Trad. Antônio Boaventura da Silva e outros. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979. 141 p.
- MAGALHÃES PADILHA, S. O futuro olímpico do Brasil está na infância. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 ago. 1980. p.30
- MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. São Paulo, Perspectiva, 1969. 166p.
- MAHEU, René. Desporto e educação. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 5 (16) : 7-23, jul./ago. 1973.
- MARINHO, Inezil Penna. **Desportos**. São Paulo, Brasil Ed., 1954. 175p.
- MARQUES, Eric Tinoco. Competir é o importante. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 5 (16) : 3-5, jul./ago. 1973.
- NEGRINE, Airton. A progressão pedagógica e o resultado da aprendizagem no ensino dos desportos. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 11 (43) : 42-6, out./dez. 1979.
- NOEL-BAKER, Philip. Manifesto sobre o desporto. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 5 (14) : 6-21, mar./abr. 1973.
- NOGUEIRA, Paulo, ed. **Clubes esportivos**. São Paulo, Brasil Ed., s.d. 197p.
- ORGANIZAÇÃO desportiva. Rio de Janeiro, Escola de Educação Física do Exército, 1961. 94p.
- PASQUALI, Luiz & RABELO, Geraldo, coord. Desenvolvimento de técnicas psicológicas e antropométricas para uso na seleção, orientação e treinamento de atletas participantes dos jogos estudantis brasileiros — JEBs. Brasília, Sociedade de Medicina Desportiva de Brasília/INEP, 1980.
- PEREZ, Sandra Maria et alii. Condições de preparo de equipes colegiais para competições interescolares. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro (106) : 22-4, jan./jun. 1979.
- POLÍTICA Nacional de Educação Física e Desportos. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 8 (29) : 18-26, jan./mar. 1976.
- RAMOS, Jayr Jordão. **Organização de campeonatos e torneios**. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Desportos, 1973. 40p. il. (Termos de desporto, 6).

- RESICK, Matthew C. et alii. **Modern administrative practices in physical education and athletics**. 2. ed. Massachusetts, Addison-Wesley, 1975. 404p.il.
- VII JOGOS desportivos pan-americanos. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília, 8 (29) : 9-71, jan./mar. 1976.
- SEURIN, Pierre. A educação física e desporto: cooperação ou conflito? *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, Brasília, 5(13) :6-13, jan./fev. 1973.
- SILVA, Eduardo Augusto Viana da. Organização de competições desportivas. Rio de Janeiro, Univ. do Estado do Rio de Janeiro, s.d. 24p. il.
- TARGA, Jacintho F. Princípios da educação físico-desportivo-recreativa para o ciclo fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília, 7 (28) : 52-64, out./dez. 1975.
- \_\_\_\_\_. Teoria da educação física-desportiva-recreativa. Porto Alegre, ESEF/IPA, 1973.
- TEIXEIRA, Octávio. O momento desportivo. *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, Brasília, 8 (31) : 17-23, jul./set. 1976.
- TOSCANO, Noema. Teoria da educação física brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974. 174p. (Educação física, desportos e saúde, 1).
- TUBINO, Manoel José Gomes, Coord. Estudo de caso de diagnóstico comparativo dos perfis comportamentais de entrada e saída em relação às expectativas profissionais no curso de licenciatura em educação física da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Univ. Gama Filho/INEP, 1980.
- \_\_\_\_\_. Estudo para a formulação de um modelo avaliativo de performance de futuros licenciados em educação física, em função dos conteúdos programáticos das disciplinas obrigatórias de formação profissional. Rio de Janeiro, Univ. Gama Filho/INEP, 1978.
- \_\_\_\_\_. Estudo para a utilização do vídeo-tape como feedback na formação de professores de educação física. Rio de Janeiro, Univ. Gama Filho/INEP, 1979.
- VASCONCELLOS, Osny. Os JEBs e o futuro. *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, Brasília, 7 (27) : 4 5, jul./set. 1975.
- VOLTMER, Edward F. & ESSLINGER, Arthur A. The Organization and administration of physical education. 4. ed. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall, 1967. 570p.
- ZIMBRES, Sidney Faghieri. Volibol infante-juvenil do Maranhão: características das qualidades físicas, dados antropométricos e aspectos gerais. São Luís, Secretaria de Desportos e Lazer, Divisão de Estudos e Pesquisas. 1980.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)